



2. REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico foi feito a partir de aspectos considerados relevantes para a contextualização com o tema escolhido. Nas páginas seguintes, são apresentados o breve histórico mundial e nacional do teatro, a origem do termo, a arquitetura cênica e suas tipologias, a relação de edifícios teatrais com praças, o conceito de paisagem e arquitetura paisagística, o paisagismo no Brasil e suas linhas projetuais e, por fim, os parques urbanos.



2.1 BREVE HISTÓRICO DO TEATRO: NO BRASIL E NO MUNDO

As informações a seguir foram escritas com base na dissertação “Introdução à história do Teatro no Ocidente: dos Gregos aos Nossos Dias”, de Márcia Cristina Cebulski (200-?).

Ao buscar a origem do teatro, diferente do que comumente se imagina, descobre-se que sua invenção não foi feita pelos gregos. Na verdade, sua origem aponta para as civilizações desenvolvidas na margem do Mar Mediterrâneo, onde organizações primitivas já faziam representações teatrais ligadas, sobretudo, às cerimônias religiosas. Mais tarde, em solo grego (então considerado o berço do teatro ocidental), o teatro cívico utilizava da tragédia e comédia como meios de promover entre os cidadãos a responsabilidade com a *pólis*.

As formas dramáticas gregas – a tragédia e a comédia – tiveram tamanha força e intensidade no seu tempo, que atravessaram os séculos inspirando criações e fornecendo modelos teatrais vindouros até chegar à contemporaneidade (CEBULSKI, 200-?, p.12).

No Brasil, o teatro aparece logo no período Colonial (1500 - 1822), sendo o método utilizado pelos colonizadores portugueses para então civilizar os índios que, através do ensino das bases do cristianismo católico, tiveram suas culturas locais totalmente desconsideradas.

Se o Brasil respirou, culturalmente falando, já nos seus primórdios, foi por meio do teatro, com o próprio padre Anchieta e suas peças de catequização (MONTENEGRO, 2002, p.15).

Séculos mais tarde, no Brasil Império (1822-1889), o Romantismo passa a fazer parte das produções artísticas, com a abordagem de temas nacionais; a peça “O Poeta da Inquisição”, em 1838, é considerada a primeira tragédia escrita por um brasileiro. A criação da comédia, por sua vez, é relacionada com o dramaturgo Martins Pena, com sátiras sobre a realidade brasileira da época.

Na segunda metade do século XIX, o realismo aparece como resposta ao romantismo, com os autores Machado de Assis, Arthur Azevedo e Joaquim José da França Júnior (este considerado sucessor de Martins Pena). Anos mais tarde, surge o Simbolismo, marcado pela fuga da realidade. Posteriormente, no século XX, as peças passam a abordar temas como o universo feminino e questões políticas e culturais.

O Teatro Brasileiro Contemporâneo, na transição do século XX para o XXI, passa a ser marcado pela pluralidade. Resultado da diversidade cultural existente no país, as apresentações passam a ter tendências e estéticas variadas, estilo que predomina até os dias atuais.



2.2 ARQUITETURA CÊNICA

Para que um teatro seja projetado, é preciso levar em consideração inúmeros aspectos relacionados com a funcionalidade e conforto dos técnicos, artistas e público. Serroni (2002, p. 29) afirma que “falar de arquitetura teatral é difícil, porque ela necessita combinar tecnologia espacial com os sonhos e as fantasias que lá acontecerão”. Além disso, “um teatro deve parecer íntimo, ser aconchegante, aproximar o público do palco e criar situações que envolvam o espetáculo” (SERRONI, 2002).

Antes de buscar o significado de Arquitetura Cênica, é necessário conhecer o significado de Teatro.

2.2.1 Conceito

A palavra teatro deriva, etimologicamente, do grego *theatron* (*theaomai* = ver; *thea* = vista; panorama), mas sua forma atual decorre do latim *theatrum* (CEBUSKI, 200-?). Ao longo da história, os espetáculos assumiram inúmeras formas, o que implica na dificuldade em criar uma definição única para o termo.

[...] o teatro nasce no instante em que o homem primitivo coloca e tira sua máscara diante do espectador. Ou seja, quando existe consciência de que ocorre uma “simulação”, quando a representação cênica de um deus é aceita como tal: a divindade presente é um homem disfarçado (PEIXOTO, 1983, p. 15).

Ainda sobre o tema, Ratto (2002, p. 17) afirma que “desde o momento no qual uma comunidade se reuniu em volta de alguém – para que esse alguém falasse ou fosse ouvido – a ideia teatro definiu-se como algo eterno”.

(...) Teatro é texto e espetáculo. Teatro é edifício que abriga vidas fictícias em permanente renovação. Teatro é edifício e, como tal, pertence à polis que abrange todas as motivações e lógicas dos homens que lá moram” (RATTO, 2002, p. 17).

Após compreender os conceitos acima descritos, se faz necessário entender o significado de Arquitetura Cênica:

Estruturação e organização espacial interna do edifício teatral relacionando diversas áreas como cenotécnica, iluminação cênica e relação palco-plateia (FUNARTE, 1997, p. 20).

A arquitetura de teatros deve acontecer, portanto, em dois momentos: o primeiro é a estruturação espacial do edifício e sua organização a partir de um contexto urbano; o segundo é referente à situação espacial interna, com capacidade de adaptação às inúmeras possibilidades cênicas, através do maquinário, iluminação, relação palco-plateia e dos indivíduos responsáveis por participar do espaço, dando suporte antes e durante o espetáculo (FUNARTE, 1997). A seguir, são apresentadas as principais tipologias das casas de espetáculo.



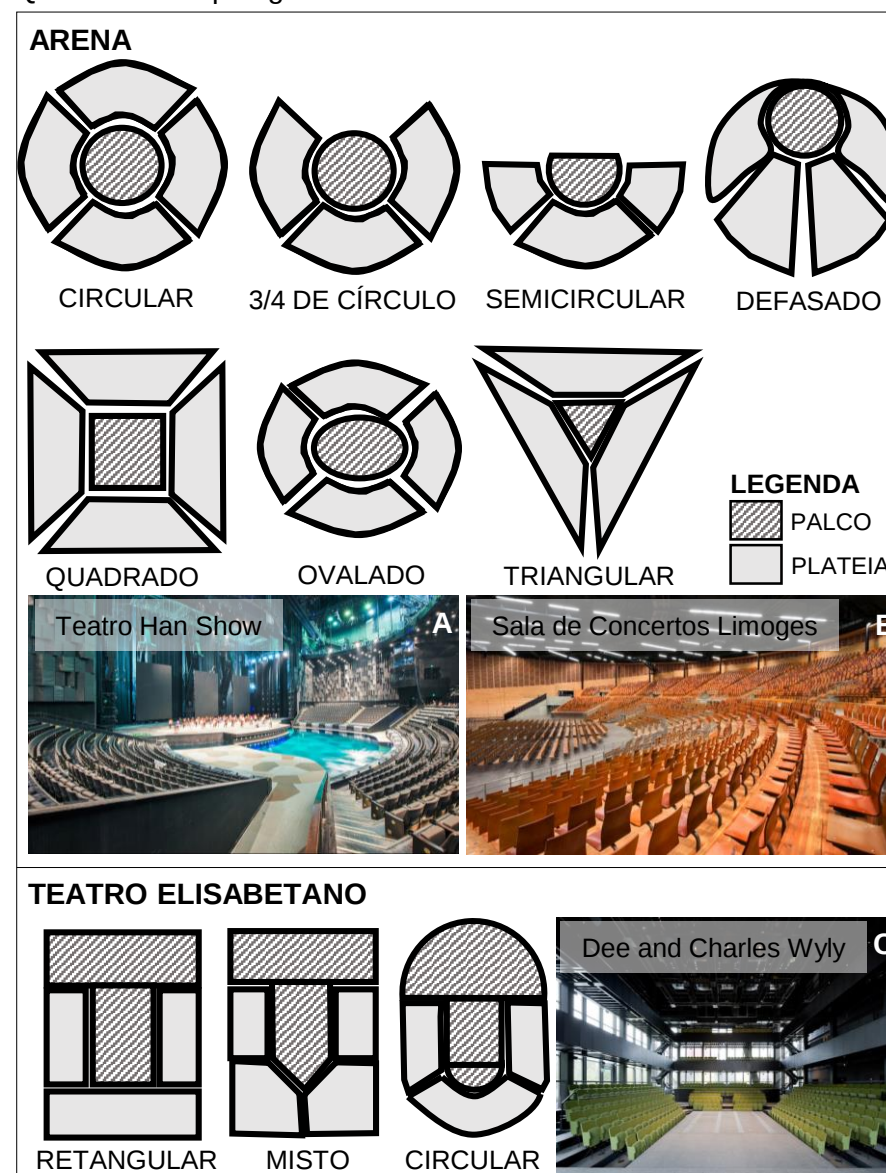
2.2.2 Tipologias

O conjunto formado pela caixa cênica, palco e plateia é o primeiro espaço que deve ser dimensionado no projeto, pois é a partir dele que os demais ambientes poderão ser articulados. A disposição do público diante de um palco pode ser feita de diversas maneiras, estando as tipologias listadas abaixo (FUNARTE, 1997):

- A Arena é quando o local, coberto ou não, apresenta o palco abaixo da plateia, que a envolve totalmente; pode ser circular, semicircular, quadrado, 3/4 de círculo, defasado, triangular ou ovalado.
- O Teatro Elisabetano é quando há uma ampliação do proscênio, no qual é circundado pelo público em três lados; esse modelo pode ser retangular, circular ou misto.
- O Teatro Italiano é caracterizado pela existência de uma parede frontal, visível ao público através da boca de cena; é subdividido em retangular, semicircular, fechadura ou misto.
- Palco Circundante é aquele que permite a visibilidade em 360°, podendo ser completo ou semicircundante.
- O Espaço Misto é aquele adaptável aos diferentes palcos e disposições de público. Pode ser total, lateral total, central total, lateral parcial, de esquina, central parcial, simultâneo, de corredor ou com galerias verticais.

Os quadros 2.1 e 2.2 apresentam, de forma esquemática, as tipologias apresentadas (em planta baixa).

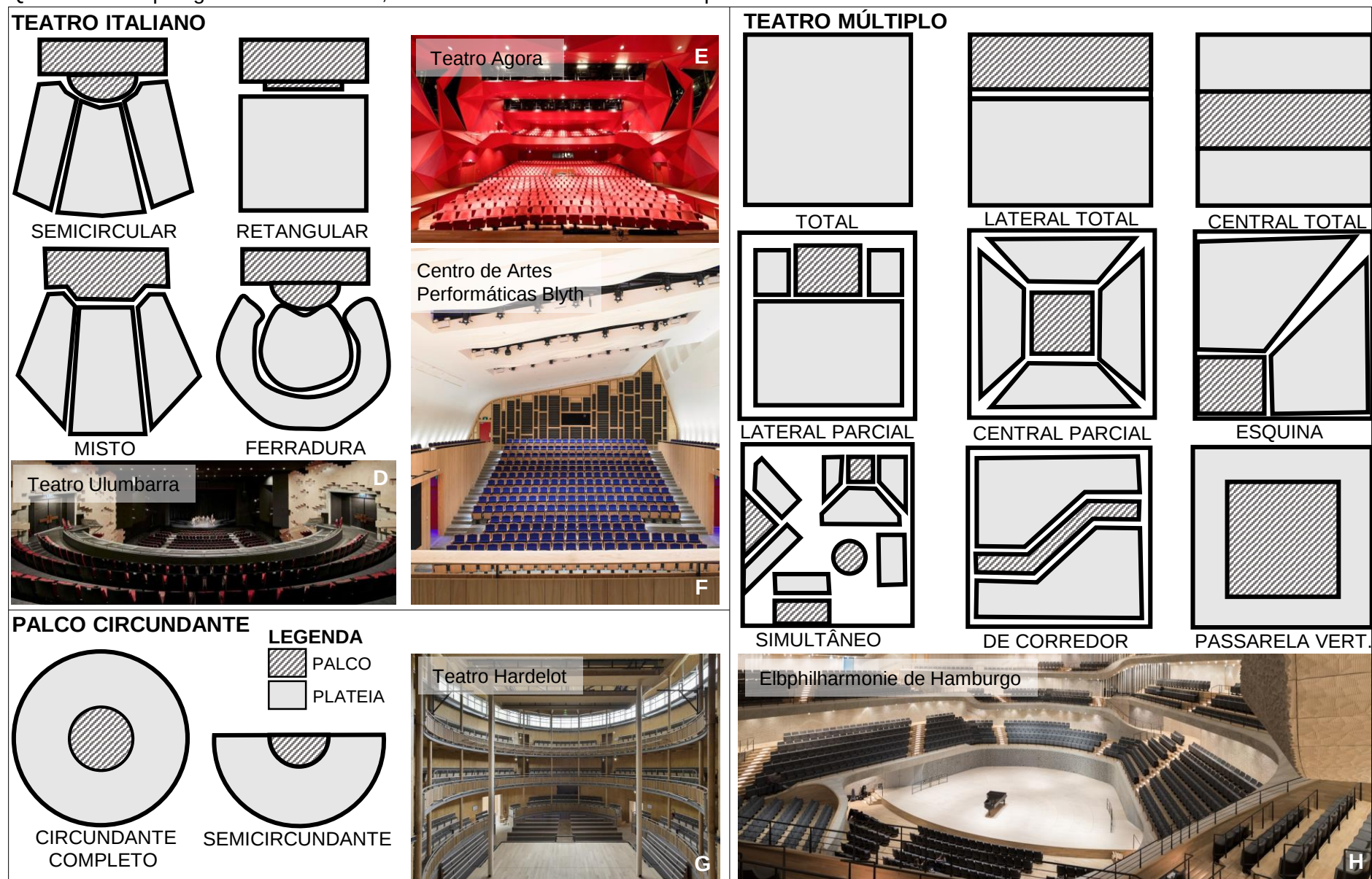
Quadro 2.1 - Tipologias: Arena e Teatro Elisabetano



Fonte: A, B e C - Stufish Entertainment Architects, Bernard Tschumi Architects e Iwan Baan, respectivamente; Elaborado pelo autor, 2019.



Quadro 2.2 - Tipologias: Teatro Italiano, Palco Circundante e Teatro Múltiplo



Fonte: D, F e G - Peter Clarke, Mark Smith e Martin Argyroglo respectivamente; E e H - Iwan Baan; Elaborado pelo autor, 2019.



A seguir, é apresentada a relação entre edifícios teatrais com praças.

2.3 TEATRO E PAISAGISMO

Durante muito tempo, casas de espetáculo foram consideradas marcos urbanos, com estruturas imponentes e destacando-se na paisagem. O edifício era visto como indutor de desenvolvimento e símbolo de status.

[...] a importância do edifício teatral como signo da cultura urbana ia bastante além de seus limites físicos – sua tipologia arquitetônica – e de sua tipologia cênica – sua função como teatro –, e avançava pelo seu entorno, dentro da cidade, determinando importantes relações dos cidadãos com sua história, suas tradições e sua cultura. (LANFRANCHI, 2002, p. 21).

Os edifícios teatrais costumavam ser construídos em locais de destaque, em meio a espaços abertos, geralmente constituídos por praças. Tal característica configura, na relação teatro-cidade, a existência de espaços públicos definidos na própria implantação dos teatros.

As ruas, largos, pátios, praças e becos que se articulam com os volumes construídos dos edifícios teatrais desenham, na hierarquia de espaços as suas formas de uso e formas de existência simbólica (LANFRANCHI, 2002, p. 21).

É possível citar alguns exemplos nacionais em que a implantação do teatro é definida por uma praça, como é o caso do Teatro Carlos Gomes, em Blumenau, que “desenha com sua praça a continuidade do tecido urbano, interferindo no desenho do espaço público determinado pelo recorte dos outros edifícios no entorno [...]” (LANFRANCHI, 2002, p. 22). O edifício se abre a partir da praça, na escala do pedestre, tornando-se referência na paisagem.

Outro exemplo é o caso do Teatro Municipal de São Paulo (Figura 2.1) que, quando foi inaugurado, “estava lá, solto na praça, com um entorno livre, aberto, com palmeiras ao redor dominando o vale” (SERRONI, 2002).

Figura 2.1 - Teatro Municipal de São Paulo Atualmente



Fonte: Autor, 2019.

Hoje, os teatros não são mais vistos como marcos urbanos, conforme Serroni (2002, p. 32), ao afirmar que o teatro “não tem mais espaço nos grandes centros e, quando tem, fica sufocado entre outros edifícios”.



Se podemos observar nos grandes teatros construídos até os meados do século XX um paradigma de arquitetura pública relacionada diretamente com as praças onde os edifícios eram implantados, hoje nota-se uma alteração de rota – a praça deu lugar ao estacionamento.(LANFRANCHI, 2002, p. 22).

Tem acontecido, contudo, um fenômeno em que a experiência de ir ao teatro passa a ser simbolizada por praças de alimentação de centros executivos e shoppings centers, onde os novos teatros passaram a ser construídos (LANFRANCHI, 2002).

A proposta pretende, portanto, reverter essa situação, valorizando o edifício teatral e inserindo um parque urbano na sua implantação, relacionando novamente teatro e paisagismo.

2.4 PAISAGEM

O conceito de paisagem pode ser entendido como as formas de ocupação que, ao longo do tempo, são responsáveis pela transformação de um determinado lugar. Bellé (2013) afirma que a paisagem é resultado das condições climáticas, naturais e sociais que interagem entre si, sendo estes considerados elementos da paisagem e que, juntos, caracterizam um território.

No Brasil, a paisagem é caracterizada pela diversidade, com “grande heterogeneidade de situações, devida à extensão do país, que abarca diversos ecossistemas e uma riqueza

geomorfológica expressiva” (MACEDO, 1999, p. 11). Todo lugar é dotado de paisagens, cada uma com suas características. Macedo (1999) determina os aspectos que devem ser considerados durante o processo de ocupação, desenho ou projeto de um espaço:

- a) Características funcionais do solo, como sistemas de drenagem e existência de aquíferos;
- b) Características climáticas e as possibilidades de adaptação das espécies a essas características;
- c) Ecossistemas existentes: observar suas formas de vida e seu valor no contexto do lugar;
- d) Valores sociais e culturais do local;
- e) Os padrões de ocupação e as tendências de expansão;
- f) A capacidade do lugar em se transformar perante a atividade de ocupação humana.

Após elucidar o significado de paisagem, é possível avançar para o estudo da Arquitetura Paisagística.

2.5 ARQUITETURA PAISAGÍSTICA

O paisagismo, de acordo com Bellé (2013), pode ser considerado como a organização da paisagem, utilizando critérios relevantes que busquem relacionar as construções com a natureza. A arquitetura paisagística é, portanto, a atividade da arquitetura na concepção de projetos completos de parques e praças, utilizando um



programa de necessidades que visa uma demanda específica.

O conceito de arquitetura paisagística corresponde a uma ação de projeto específica, que passa por um processo de criação a partir de um programa dado, visando atender à solicitação de resolução de uma demanda social requerida por um interlocutor específico, seja ele o Estado, um incorporador imobiliário, uma família. (MACEDO, 1999, p. 13).

O simples plantio de vegetação, a disposição de pisos, água e equipamentos apenas com caráter decorativo não pode ser considerado arquitetura paisagística, uma vez que Macedo (1999) afirma que um projeto só tem caráter de arquitetura paisagística “quando de algum modo colabora na reorganização tridimensional do espaço”. Ou seja, é preciso existir um desenho, uma composição, uma justificativa que faça com que o espaço tenha um significado e não seja apenas elementos jogados em sua superfície.

Por conseguinte, é necessário que o parque que será proposto neste trabalho considere esses princípios, utilizando da composição para criar um espaço público com significado.

2.5.1 Paisagismo no Brasil

O paisagismo no país tem como marco a inauguração, em 1783, do Passeio Público do Rio de Janeiro, então capital da colônia. É a primeira vez em que um espaço público é construído com a finalidade de oferecer lazer à população (MACEDO, 1999).

Antes, os espaços abertos eram definidos apenas por jardins ou pátios de conventos que, pouco elaborados e bastante simples, continham sobretudo flores e árvores frutíferas.

A arquitetura paisagística brasileira é apresentada em três linhas projetuais, apresentadas a seguir, conforme Macedo (1999):

- a) Eclética: iniciada em 1783, o espaço aberto é tratado numa visão romântica, com paisagens que buscam referência nos jardins de palácios reais europeus. A finalidade principal é criar espaços exclusivamente para passeio e contemplação.
- b) Moderna: com início em 1934, foi caracterizada pelo abandono ao passado e forte postura nacionalista, com valorização da vegetação nativa. O programa de necessidades passa a ser mais amplo, introduzindo atividades de lazer ativas, mas sem abandonar aquelas destinadas à contemplação. Surgem desenhos com pisos e vegetações, sendo destaque as obras de Roberto Burle Marx, com cores vibrantes e fortes contrastes, ignorando os ideais do ecletismo.
- c) Contemporânea: Acontece uma nova ruptura, dessa vez com os princípios modernos, a partir de 1990. Surgem novas organizações, usos e formas para os espaços livres. O período também recebe denominações como utilitarismo, desconstrutivismo ecológico, pós-modernismo e neo-ecletismo.

Após compreender sobre arquitetura paisagística e as



linhas projetuais do paisagismo no Brasil, apresenta-se o conceito de Parques Urbanos.

2.6 PARQUES URBANOS

Os Parques Urbanos são espaços que, inseridos dentro de uma cidade, oferecem um lugar de refúgio diante do caos da vida urbana.

Kliass (1993, p.19) define os parques urbanos como “espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinado à recreação”. Tais lugares surgem, portanto, da necessidade de inserir áreas abertas no interior dos centros urbanos.

Consideramos como parque todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é auto-suficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno. (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 14).

No Brasil, Macedo e Sakata (2003) afirmam que os grandes parques públicos eram destinados, em um primeiro momento, apenas para o lazer contemplativo. Foi no decorrer do século XX que novas funções foram atribuídas, de características mais ativas, como a prática de esportes, os jogos e a recreação

infantil. Isso não exclui, porém, as atividades voltadas para o lazer passivo, como espaços para caminhadas em trilhas. Esse modelo de parque dissemina-se a partir de 1980, podendo ser encontrado em várias partes do país.

Os parques são de extrema importância para levar às cidades espaços de convivência que ofereçam opções esportivas, culturais e de lazer. A cidade brasileira contemporânea, de acordo com Macedo e Sakata (2003, p. 14), “cada vez com mais frequência [...] necessita de novos parques, em geral de dimensões menores devido à escassez e ao alto custo da terra”.

Contudo, independente do espaço disponível, a implantação de espaços verdes destinados às atividades de recreação e lazer é nitidamente uma necessidade dos centros urbanos do Brasil.

Após a contextualização com os temas apresentados no referencial teórico, percebe-se a importância acima dos edifícios teatrais e da composição em paisagismo. Portanto, a proposta visa unir esses aspectos em um local de recreação e lazer que seja capaz de caracterizar um espaço público com qualidade para a população.